

International trade union network of solidarity and struggle
Réseau syndical international de solidarité et de luttes
Rede Sindical Internacional de solidariedade e de lutas
Red sindical internacional de solidaridad y de luchas
Rete sindacale internazionale di solidarietà e di lotta

www.laboursolidarity.org

Declaração do encontro internacional de 8 e 9 de junho de 2015

A **Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas**, constituída em Março de 2013, durante a nossa reunião em Saint-Denis (França) é o produto de anos de intercâmbio e de trabalho conjunto entre várias das organizações fundadoras. Assim, com base em orientações e prática sindicais comuns, temos sido capazes de reunir organizações, correntes e tendências sindicais em muitos países nas Américas, Europa, África e Ásia.

Dois anos depois, em junho de 2015, organizamos uma reunião internacional em Campinas (Brasil). Nesta ocasião, nós observamos coletivamente a evolução positiva na construção de nossa rede, principalmente o seu crescimento, mas também o caminho que precisamos percorrer para nos equiparmos com uma ferramenta comum internacional e necessária para todas as forças sindicais que se reivindicam e praticam um sindicalismo de lutas, anticapitalista, autogestionário, democrático, ambientalista, independente dos patrões e dos governos, internacionalista e contra todas as formas de opressão (machismo, racismo, homofobia, xenofobia...). A democracia operária, a auto-organização dos trabalhadores e das trabalhadoras estão também entre nossas referências em comum.

A crise do sistema capitalista tem consequências para o mundo inteiro

As crises econômicas, financeiras, ecológicas e sociais se interligam e auto-alimentam. Esta crise global do capitalismo mostra o impasse de desenvolvimento baseado na distribuição cada vez mais desigual da riqueza produzida pela exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, na desregulamentação financeira, no livre-comércio generalizado e no desrespeito às necessidades ecológicas. **Para salvar os benefícios dos acionistas e dos patrões, para garantir o futuro dos bancos e das instituições globais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio, etc.), os governos e os patrões estão atacando cada vez com mais força os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.**

O atual sistema econômico e político organiza a pilhagem de muitos países, obrigando milhões de pessoas a deixarem os seus lugares de origem para sobreviver e logo negando-lhes os seus direitos sob o pretexto de que elas são imigrantes.

A destruição dos serviços públicos, o questionamento de todos os direitos sociais, os ataques contra os direitos e o não respeito às liberdades sindicais, o desenvolvimento da precariedade e do desemprego para pressionar as populações... Esses mesmos métodos são utilizados em todos os países!

Para atingir os seus fins, o atual sistema econômico se utiliza de muitos mecanismos: processos de criminalização, prisões, intervenções policiais, ocupações militares, todo o tipo de obstáculos para os direitos coletivos e individuais. A repressão é uma de suas armas contra aqueles e aquelas que resistem, se opõem, e constroem alternativas. A nossa solidariedade para além das fronteiras é uma das nossas respostas.

O Sindicalismo que reivindicamos não sabe fazer acordos com os que estão atualmente no poder para corroborar essas medidas antissociais. O Sindicalismo tem a responsabilidade de organizar a resistência a nível internacional para construir, através das lutas, a transformação social necessária. Queremos construir um sistema baseado na no interesse común sobre os serviços públicos e bens naturais, na redistribuição da riqueza entre aqueles e aquelas que a produzem, isto é os trabalhadores e trabalhadoras, fundada sobre os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e no desenvolvimento ecologicamente sustentável.

Exigimos o fim da privatização e da mercantilização, e ao contrário, reivindicamos a expansão, democratização e apropriação social do serviço público (educação, saúde, transporte, energia, água, habitação, aposentadoria, pensões, etc.). A livre circulação das pessoas e a igualdade dos direitos sociais e políticos de todos e todas, independentemente da nacionalidade, origem, sexo –fazem parte de nossos objetivos comuns.

Compreender as transformações do capitalismo para melhor combatê-lo

Os ataques contra os salários, condições de trabalho, segurança social, serviços públicos e as liberdades democráticas fazem parte de um plano estratégico do capitalismo que visa a uma alteração de maneira profunda e duradoura na relação de força entre a classe dominante, de um lado, e de assalariados/as e classes populares por outro. Este projeto insere-se no âmbito de um capitalismo globalizado, uma economia que faz concorrer as regulamentações sociais, as leis, as condições e jornada de trabalho. Isso provoca um aumento da precarização do mundo do trabalho.

A questão da saúde e segurança no trabalho, as condições gerais da qualidade de vida dos assalariados e assalariadas nos setores populares, adquirem nas lutas e nas reivindicações uma importância decisiva.

Nos países mantidos em situação de subdesenvolvimento, obviamente através do colonialismo e imperialismo sempre presentes, as massas estão condenadas a morrer de fome ou emigrar para países onde são submetidas a uma forte discriminação, muitas vezes com o risco de suas próprias vidas. O colonialismo e imperialismo ainda oprimem muitos povos no mundo todo ; o sindicalismo se deve de combater esses modos de dominação.

A conjuntura econômica não é o elemento essencial que justifica a estratégia das classes dominantes. O capitalismo ataca permanentemente as condições de vida, de salário e os contratos de trabalho. Ele utiliza a « crise » (crise do sistema capitalista !) para reforçar seus ataques.

A gestão financeira do capitalismo, a rápida globalização, as políticas de austeridade dominantes, a política de "pagamento da dívida" indicam a proeminência de uma orientação dos que possuem a chave do mercado global para uma nova distribuição de riqueza e poder, sempre desfavoráveis para as classes trabalhadoras. O mecanismo da dívida asfixia os países e nos empobrece: esta dívida não é nossa dívida; não temos que pagala! As políticas econômicas e financeiras apresentadas como "incentivo à demanda" parecem pouco propensas para garantir uma recuperação econômica forte e de longa duração.

Porem, essas propostas de incentivo à demanda de forma alguma questionam as políticas de austeridade, de ataques aos trabalhadores e trabalhadoras, de degradação e de privatização dos serviços públicos. Em outras palavras, elas não têm uma dimensão de engajamento estratégico de tal forma que pudesse, por exemplo, estabelecer a regulação fordista aplicada durante parte do século XX, numa parte do mundo (ao preço, é claro, da superexploração do que era então chamado Terceiro Mundo).

As propostas para um novo pacto social, como as que podem ser formuladas por uma parte do movimento sindical, têm como primeira falha uma ignorância deliberada do que deveria ser a luta e a relação de forças para que se possa sequer começar a se concretizar, garantindo um novo caminho "reformista". A questão essencial não é simplesmente a injeção de fundos públicos, objetivando a retomada da economia, mas sim lutar radicalmente pela distribuição da riqueza e poder, bem como a definição do modelo de desenvolvimento.

Da mesma forma, as hipotéticas políticas governamentais, que supõem a conquista de posições institucionais em nível nacional, poderiam permitir que -- através dos instrumentos clássicos de poder público e dentro do quadro institucional criado para servir ao capitalismo -- se criasse uma nova orientação das políticas públicas, com um novo compromisso social de envergadura envolvendo todas as classes, nos parecem completamente ilusórias.

O Brasil, onde teve o encontro da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e de Lutas, é um bom exemplo disso. A política econômica, atual continua sendo a dos governos burgueses anteriores, centrada em garantir grandes lucros para o grande capital e pequenas concessões para os setores mais miseráveis da população, está esgotada. Agora, o governo se preocupa ainda mais em implementar os "ditames" do capital internacional e da burguesia brasileira, cobrando dos trabalhadores e trabalhadoras o ônus pela crise através de políticas tais como ajuste fiscal e a terceirização.

A fragilidade do sistema internacional em geral e a evolução da relação de forças entre os blocos econômicos políticos fazem parte de uma radicalização das lutas sociais e ecológicas em geral, e da luta entre a classe trabalhadora e o sistema de dominação em particular.

Fortalecer os sindicatos para romper com o capitalismo

A independência do movimento sindical que se mobiliza e luta efetivamente é a questão-chave deste período. De fato, a aposta é vencer a estratégia do sistema de dominação do capitalismo global que pretende impor aos trabalhadores um retrocesso histórico, pura e simplesmente arruinando sua capacidade de organização autônoma, de ação e posicionamento, favorecendo assim um sindicalismo pelego controlado pelo capital, ou até mesmo visando o desaparecimento completo do movimento operário organizado. Isto, quando uma parte cada vez mais importante da população mundial, se proletariza e, por tanto, fica em condições sociais cada vez mais difícil.

Reafirmamos nossa oposição ao sindicalismo oficialista e nossa vontade de pluralismo e democracia sindical. Isto não é em absoluto contraditório com a busca da unidade de ação sindical, da unidade da classe trabalhadora, da unidade de todas as pessoas exploradas e/ou oprimidas. Ao contrário, fugimos relacionarmos com aqueles que se pretendem sindicalistas e, ao mesmo tempo, fomentam fundos de pensões e se deixam corromper pela classe dirigente...Classe dirigente que por cima, fez da corrupção o modo de funcionamento habitual de uma parte importante dos responsáveis políticos.

O direito à terra é um tema particularmente importante em muitos países, especialmente aqueles vítimas do colonialismo e do imperialismo; temos que sermos ativos contra isso, lutando por verdadeiras reformas agrárias relacionadas com os movimentos sociais que lutam por esse direito.

Nosso sindicalismo combina a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores com a vontade de profunda mudança social. Ele não se limita às reivindicações de cunho econômico, mas abrange questões como o direito à moradia e à terra, a igualdade entre homens e mulheres, a luta contra o racismo, a homofobia, a xenofobia, em favor da ecologia, do anticolonialismo, etc.

Os interesses que defendemos são aqueles da classe trabalhadora (trabalhadores em atividade ou aposentados, desempregados e afastados, ou jovens em formação). Eles se articulam com os povos de todas as regiões do mundo. Sobre este tema, nós nos opomos frontalmente à patronal, aos governos e às instituições que os servem, e reivindicamos a nossa autonomia no que se refere à qualquer organização política.

Criaram-se várias organizações sindicais; as redes sindicais foram criadas em áreas profissionais ou geográficas. De uma região do mundo à outra, nossas histórias e nossas afiliações sindicais são diferentes. Mas nós compartilhamos o que é essencial: estamos determinados a avançar na coordenação de um sindicalismo de luta no plano internacional.

Queremos compartilhar nossas experiências, nos engrandecer com a resistência e as conquistas de todos. Queremos construir a unidade rompendo as fronteiras e a construção de solidariedade internacional dos trabalhadores. Diante da crise que golpeia as populações de todos os países, pelas quais o capitalismo é responsável, é necessário coordenar e unificar nossas lutas. Fazemos um chamado a todos os grupos sindicais a unirem-se a nós para construir essa unidade de ação sindical, necessária para combater os retrocessos sociais, conquistar novos direitos e construir uma sociedade diferente.

Nós não temos lutado para voltar atrás. Na verdade, os ataques contra a classe trabalhadora são muito fortes e, por vezes, sob novas formas. Mas a exploração capitalista não é uma novidade, e é com ela que devemos romper para criar novas formas de organização da sociedade, a partir das necessidades do povo.

Este caminho, o construímos passo a passo, com todas as organizações sindicais de luta, para quem o sistema capitalista não é a forma ideal de organização para as nossas sociedades, e que constroem a mudança através das lutas coletivas cotidianas e das reflexões sobre a sociedade que queremos para o amanhã.

Decidimos fortalecer, expandir, tornar mais eficaz uma rede de sindicalismo ofensivo, de lutas, anti-capitalista, democrático, autônomo, independente dos patrões e dos governos, contra todas as formas de opressão (sexismo, racismo, homofobia, xenofobia), ambientalista e internacionalista.

Após a reunião internacional em junho de 2015, temos metas específicas e compromissos partilhados. Juntos definiremos e juntos vamos levar a cabo.

- ❑ Trabalhamos, durante este tempo pela **solidariedade internacional**, especialmente contra qualquer repressão anti-sindical. Nossa luta é conduzida contra todas as opressões, especialmente aqueles que vão contra mulheres, negros, imigrantes e LGBT (Lésbicas, Gays, Transexuais, Bissexuais).
- ❑ Atuaremos de forma unitária e coordenada para apoiar **as lutas e campanhas internacionais**, reafirmando o direito à autodeterminação dos povos.
- ❑ **Devemos reforçar e estender o trabalho internacional nos setores profissionais** (transporte, educação, call centers, indústria, comércio, saúde, etc.) e questões interprofissionais (direitos das mulheres, os negros, LGBT, migração e alojamento, ecologia, saúde, trabalho ...)
- ❑ Perseguimos o **trabalho de reflexão e elaboração sobre as críticas ao sistema capitalista e alternativas** a ele.
- ❑ Montemos os meios **materiais necessários para o sucesso dos nossos projetos comuns**: websites, listas de e-mail câmbio, sectores profissionais de coordenação, etc.
- ❑ Para ser mais eficaz, organizar a **coordenação das organizações que integram a rede nas regiões do mundo**: América do Sul, Europa, África ...
- ❑ **Nós decidimos organizar uma semana de ação internacional**, entre 9 e 25 de outubro de 2015 tendo como tema central: **contra os planos de austeridade e os recortes, pela defesa dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras. Nos não pagaremos a crise!** A forma e a organização desta semana de ações serão adotadas em função das realidades de cada um dos nossos países.

Les organisations membres du Réseau syndical international de solidarité et de lutte

Organisations syndicales nationales interprofessionnelles

- ➔ Central Sindical e Popular Conlutas (**CSP-Conlutas**) - Brésil.
- ➔ Confederación General del Trabajo (**CGT**) - Etat espagnol.
- ➔ Union syndicale Solidaires (**Solidaires**) - France.
- ➔ Confédération Générale du Travail du Burkina (**CGT-B**) - Burkina.
- ➔ Confederation of Indonesia People's Movement (**KPRI**) - Indonésie.
- ➔ Confederación Intersindical (**Intersindical**) - Etat espagnol.

- Syndicat National Autonome des Personnels de l'Administration Publique (**SNAPAP**) - Algérie.
- Batay Ouvriye - Haïti.
- Unione Sindacale Italiana (**USI**) - Italie.
- Confédération Nationale des Travailleurs - Solidarité Ouvrière (**CNT SO**) - France.
- Sindicato de Comisiones de Base (**CO.BAS**) - Etat espagnol.
- Organisation Générale Indépendante des Travailleurs et Travailleuses d'Haïti (**OGTHI**) - Haïti.
- Sindacato Intercategoriale Cobas (**SI COBAS**) - Italie.
- Confédération Nationale du Travail (**CNT-f**) - France.
- Intersindical Alternativa de Catalunya (**IAC**) - Catalogne.
- Union Générale des Travailleurs Sahraouis (**UGTSARIO**) - Sahara occidental.
- Ezker Sindikalaren Konbergentzia (**ESK**) - Pays basque.
- Confédération Nationale de Travailleurs du Sénégal Forces du Changement (**CNTS/FC**) - Sénégal.
- Independent Trade Unions for Egyptian Federation (**EFITU**) - Egypte.
- Sindicato Autorganizzato Lavorator COBAS (**SIAL-COBAS**) - Italie.
- General Federation of Independent Unions (**GFIU**) – Palestine.
- Confederación de la Clase Trabajadora (**CCT**) – Paraguay.
- Red Solidaria de Trabajadores – Perou

Organisations syndicales nationales professionnelles

- National Union of Rail, Maritime and Transport Workers (**RMT/TUC**) - Grande-Bretagne.
- Centrale Nationale des Employés – Confédération Syndicale Chrétienne (**CNE/CSC**) - Belgique.
- Sindicato Nacional de Trabajadores del Sistema Agroalimentario (**SINALTRAINAL/CUT**) - Colombie.
- Fédération Générale des Postes, Telecom et Centres d'appel - Union Générale Tunisienne du Travail (**FGPTT/UGTT**) - Tunisie.
- Trade Union in Ethnodata - Trade Union of Employees in the Outsourcing Companies in the financial sector - Grèce.
- Syndicat national des travailleurs des services de la santé humaine (**SYNTRASEH**) - Bénin
- Sindicato dos Trabalhadores da Fioacruz (**ASFOC-SN**) – Brésil.
- Organizzazione Sindacati Autonomi e di Base Ferrovie (**ORSA Ferrovie**) - Italie.
- Sindicato Único de Trabajadores del Grupo Ripley S.A - Pérou
- Union Nationale des Normaliens d'Haïti (**UNNOH**) - Haïti.
- Confederazione Unitaria di Base Scuola Università Ricerca (**CUB SUR**) - Italie.
- Confederazione Unitaria di Base Immigrazione (**CUB Immigrazione**) - Italie.
- Coordinamento Autorganizzato Trasporti (**CAT**) - Italie.
- Confederazione Unitaria di Base Credito e Assicurazioni (**CUB SALLCA**) - Italie.
- Syndicat des travailleurs du rail - Union Nationale des Travailleurs du Mali (**SYTRAIL/UNTM**) – Mali.
- Gıda Sanayii İşçileri Sendikası - Devrimci İşçi Sendikaları Konfederasyonu (**GIDA-IŞ/DISK**) - Turquie.
- Syndicat National des Travailleurs du Petit Train Bleu/SA (**SNTPTB**) - Sénégal.
- Asociación Nacional de Funcionarios Administrativos de la Caja de Seguro Social (**ANFACSS**) - Panama.
- Conseil des Lycées d'Algérie (**CLA**) – Algérie.
- Confederazione Unitaria di Base Trasporti (**CUB Trasporti**) - Italie.
- Syndicat de l'Enseignement Supérieur Solidaire (**SESS**) – Algérie.
- Palestinian Postal Service Workers Union (**PPSWU**) – Palestine.
- Union Syndicale Etudiante (**USE**) – Belgique.
- Sindicato dos Trabalhadores de Call Center (**STCC**) – Portugal.
- Sindicato Unitario de Trabajadores Petroleros (**Sinutapetrolgas**) – Venezuela.
- Alianza de Trabajadores de la Salud y Empleados Publicos – Mexique.
- Canadian Union of Postal Workers / Syndicat des travailleurs et travailleuses des postes (**CUPW-STTP**) – Canada.

Organisations syndicales locales

- Trades Union Congress, Liverpool (**TUC Liverpool**) - Angleterre.
- Sindacato Territoriale Autorganizzato, Brescia (**ORMA Brescia**) - Italie.
- Fédération syndicale SUD Service public, canton de Vaud (**SUD Vaud**) - Suisse
- Sindicato Unitario de Catalunya (**SU Metro**) - Catalogne.
- Türkiye DERİ-İŞ Sendikası, Tuzla et Izmir (**DERİ-İŞ Tuzla et Izmir**) - Turquie.
- L'autre syndicat, canton de Vaud (**L'autre syndicat**) - Suisse
- Centrale Générale des Services Publics FGTB, Ville de Bruxelles (**CGSP/FGTB Bruxelles**) - Belgique
- Arbeitskreis Internationalismus IG Metall, Berlin (**IG Metall Berlin**) – Allemagne
- Sindicato de Trabajadores de Celima - Pérou
- Sindicato Unificado de Trabajadores de la Educación de Buenos Aires, Bahia Blanca -(**SUTEBA/CTA de los trabajadores Bahia Blanca**) – Argentine
- Sindicato del Petróleo y Gas Privado del Chubut/CGT – Argentine.

Organisations syndicales internationales

- Industrial Workers of the World - International Solidarity Commission (**IWW**)

Courants, tendances ou réseaux syndicaux

- Transnationals Information Exchange Germany (**TIE Germany**) - Allemagne.
- Emancipation tendance intersyndicale (**Emancipation**) - France.
- Globalization Monitor (**Gmo**) - Hong Kong.
- Courant Syndicaliste Révolutionnaire (**CSR**) - France.
- No Austerity - Coordinamento delle lotte - Italie.
- Solidarité Socialiste avec les Travailleurs en Iran (**SSTI**) - France.
- Basis Initiative Solidarität (**BASO**) - Allemagne.
- LabourNet Germany - Allemagne.
- Resistenza Operaia - operai Fiat-Irisbus - Italie.